

PROPOSTA DE UM MODELO DE EXPANSÃO DA CLASSIFICAÇÃO DE COELHOS DE RAÇA NA CDU

PROPOSAL OF A MODEL FOR CLASSIFICATION EXPANSION OF THE RABBITS RACE IN THE CDU

Hamilton Rodrigues Tabosa*

Cyntia Chaves de Carvalho Gomes Cardoso**

RESUMO

Propõe um modelo de expansão da Classificação Decimal Universal – CDU, no que diz respeito aos coelhos de raça, até então não contemplados na referida classificação. Considerando que o conhecimento se encontra em constante expansão e que as linguagens documentárias têm o intuito de traduzir (ou converter) os assuntos até então existentes em símbolos alfanuméricos, buscando facilitar o acesso à informação pelo usuário, surgiu o propósito de propor esse modelo de ampliação da CDU, mais precisamente a classe 6, que trata de Ciências Aplicadas, Medicina e Tecnologia e que trata os coelhos como “outros animais mantidos pelo homem”. Os coelhos são somente mencionados na classificação, não sendo discriminados quanto aos padrões próprios de cada raça. Dessa forma, para expandir a CDU, utilizou-se como base sua própria estrutura, incluindo os coelhos de raça em seu corpo. Os animais foram separados conforme suas características físicas, mais precisamente enfocando as raças peleiras. A intenção deste trabalho é demonstrar que as linguagens documentárias, pelo fato de lidarem com o conhecimento, sempre podem ser expandidas.

Palavras-chave: Classificação Decimal Universal. CDU. Classificação de coelhos de raça.

ABSTRACT

Proposes a model for expansion of Universal Decimal Classification - UDC, with respect to the rabbits of race, hitherto not considered in that classification. Whereas knowledge is constantly expanding and the documentary languages are intended to translate (or convert) the subjects hitherto existing alphanumeric symbols, seeking to facilitate access to information by the user, did the purpose of proposing this model of expansion CDU, specifically the Class 6, which treats of

Applied Sciences, Medicine and Technology, which deals with rabbits as "other animals kept by man." Rabbits are only mentioned in the standings, not being discriminated against with regard to their own standards for each breed. Thus, to expand the CDU was used as the basis its own structure, including rabbits breed in your body. The animals were separated according to their physical characteristics, specifically focusing on the races furrier. The aim here is to demonstrate that the documentary languages, because they deal with knowledge, can always be expanded.

Keywords: Universal Decimal Classification. CDU. Classification of rabbits race.

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da vida humana em sociedade, quando o homem passou a se observar no mundo e a fazer questionamentos, conhecimentos rudimentares surgiram a partir da obtenção de determinadas respostas. Estas deram apoio a outras indagações que, por sua vez, também foram sendo respondidas, ainda que superficial ou temporariamente.

Com a especificidade do conhecimento, surgiram diversas áreas de estudo, cada uma focada em determinados tipos de informação que, em sendo ligadas, possibilitaram um novo entendimento acerca de novos assuntos. Cada seara científica cuida de interpretar e ordenar o conhecimento à sua maneira.

A Biblioteconomia, interessada em preservar e disseminar os conhecimentos da

Humanidade, classificou-os por meio de linguagens alfanuméricas, com o objetivo de facilitar a ordenação dos assuntos e de melhorar sua posterior recuperação.

As classificações Decimal de Dewey (CDD) e Decimal Universal (CDU) são exemplos de linguagens documentárias alfanuméricas predeterminadas, cujo fito é o de padronizar a leitura dos ramos do conhecimento, atribuindo códigos aos documentos de qualquer acervo, seja físico ou digital (a palavra acervo, neste trabalho, será sempre utilizada referindo-se a acervos num sentido amplo, como os tradicionais, analógicos, impressos e também a acervos digitais e *online*, pois as notações próprias dos sistemas de classificação podem ser utilizadas como chave de busca em catálogos e bancos de dados automatizados e também nos ambientes *web*), melhorando, assim, o resgate ulterior da informação por parte do usuário. (PIEIDADE, 1983). Em contrapartida a esse argumento de Piedade, Gigante (1995, p. 4) nos orienta a termos bastante cuidado com a atribuição das notações dos sistemas de classificação bibliográfica, para que o bibliotecário não acabe distanciando o usuário do acervo, dificultando o acesso à informação em vez de otimizá-lo, senão vejamos:

[...] uma classificação bibliográfica como a CDD ou a CDU pode até conseguir acomodar, em um nível de quase excelência, as obras de um acervo. Mas a notação que produz, nos casos de alta especificidade (cuja ocorrência também é alta no momento histórico-científico em que vivemos), caracteriza uma interface muito pouco amigável para os usuários da biblioteca.

Referidas classificações, por serem reconhecidas em âmbito mundial, têm o intuito de facilitar o acesso pelo usuário, vez que este pode perceber o padrão utilizado tanto em unidades de informação locais e estrangeiras, como nas tradicionais ou virtuais, e utilizá-lo como chave de recuperação de informação nesses ambientes.

Dessa feita, é importante lembrar que, embora predeterminadas, as classificações não se encontram fechadas, concluídas. Ao contrário, acham-se em permanente construção, pois nessa condição se verifica a pesquisa e o avanço da ciência, criando, por conseguinte, novas terminologias, que podem, em uma nova edição, ser contempladas pelas classificações biblioteconômicas.

Diante da liberdade da Biblioteconomia em classificar através de notações todos os assuntos até então existentes, ou até mesmo com a possibilidade de flexibilizar novas subdivisões nas citadas classificações decimais, percebe-se que nenhum tema é suficientemente complexo ou inviável de ser tratado pelo bibliotecário, que pode ter a iniciativa de classificar novos assuntos, ainda não contemplados nas classificações conhecidas e consagradas pelos demais profissionais.

Nesse sentido, a Cunicultura, área do conhecimento que estuda coelhos de raça para fins de consumo da pele, da carne e da criação ornamental, configura-se em um tema com nível peculiar de especificidade e que, como tal, pode ser contemplado pelas linguagens documentárias sacramentadas.

No Brasil, a cunicultura é relativamente recente, começou só em 1957, e encontra-se em expansão. Os estados com maior produção de carne de coelho são: São Paulo, que detém 40% da produção nacional, e Paraná com 15%, mas essa produção não visa ao consumidor interno, pois praticamente não se come carne de coelho no Brasil, mas à exportação para a Europa. (VIEIRA, 2007). Ainda conforme esse autor, o coelho é um bom negócio em qualquer escala e para qualquer finalidade, seja consumo da carne, uso da pele, etc., e o Brasil tem condições climáticas favoráveis à expansão da cunicultura. Vieira chama a atenção para o fato de que, para que se obtenham bons resultados com uma criação de coelhos, é

necessário que se conheça a fundo este tipo de negócio, pois sem as técnicas necessárias, o criador não alcançará a produção e a produtividade desejadas, o que implica no investimento em pesquisas e conseqüente aumento da literatura disponível sobre o assunto, o que acarretará a necessidade de melhores instrumentos de organização e controle de uma crescente oferta de produtos informacionais nessa área do conhecimento. Os sistemas de classificação bibliográfica necessitam de estudos aprofundados por pesquisadores da área, uma vez que o aumento da quantidade de materiais informacionais disponíveis nos acervos e das informações digitais criou uma nova demanda de estudos e pesquisas nessa área.

Dessa forma, decidiu-se sugerir uma classificação para coelhos de raça na CDU, devido esse sistema de classificação não contemplar referido assunto, pelo fato dessa classificação ser reconhecida em nível mundial, por considerar a cunicultura um estudo atual e relevante, e por termos percebido que a CDU não é tão ampla quanto a CDD, o que instigou o desejo em aprimorá-la.

O trabalho tem, então, como objetivo principal, propor, na CDU, uma classificação própria para cada raça de coelho atualmente reconhecida, seguindo a indicação da The American Rabbit Breeders Association - ARBA.

Para tanto, fez-se necessário estudar as raças de coelho e quais os critérios para adequá-las a um dado padrão. Através dessas informações foi possível oferecer uma proposta de classificação para coelhos de raça em uma classificação já consagrada e conhecida, qual seja, a CDU.

2 REVISÃO DE LITERATURA

As classificações bibliográficas são linguagens documentárias e têm como objetivo identificar assuntos por meio de símbolos alfanuméricos e, através deles, facilitar o

acesso à informação para o usuário. A linguagem permite que os processos comunicacionais se firmem. (PIEADADE, 1983).

O registro do conhecimento, em suportes dos mais diversos, fez emergir um grande acervo, donde se acumularam documentos que, embora rudimentares na forma, muito representaram para o desenvolvimento das gerações seguintes.

A partir do registro desse conhecimento e do conseqüente acúmulo, surgiu a preocupação com sua manutenção e, principalmente, com o uso de métodos que facilitassem a localização dos documentos. A guarda e a organização passaram a ser o propósito primeiro das bibliotecas, uma vez que, sem estas, maiores as dificuldades em localizar o documento procurado.

Dado o acúmulo de conhecimento e conseqüente dificuldade em sua recuperação, começou-se a criar linguagens que facilitassem o acesso às informações procuradas. Dentro dos processos de linguagem, o conhecimento, para ser acessado, passou a sofrer interpretações numérico-documentárias, com o intuito de imprimir uma lógica na organização do acervo, para facilitar a localização dos documentos. (LENTINO, 1971).

Diante dessa realidade, surgiram os processos classificatórios, que permitiram ordenar os conhecimentos, hierarquizando-os, quando necessário, e facilitando a aprendizagem por parte das novas gerações.

Dessa forma, os então organizadores do conhecimento foram criando mecanismos de ordenação dos documentos, para facilitar o acesso a eles. Assim, separaram-nos por assunto, por autores ou até mesmo pelo tipo de obra, no caso de publicações periódicas, como as enciclopédias.

Diz Lentino (1971, p. 4) que “classificar livros é separá-los em classes, dando-lhes ao mesmo

tempo lugar nas estantes, de acordo com determinado sistema”. Um amontoado de livros sem ordenação não oferece sentido lógico, a não ser pelo acúmulo de conhecimentos diversos.

Os sistemas de classificação, tais quais os utilizamos na atualidade, são, do ponto de vista histórico, bastante recentes, vindo a consagrar-se somente no final do século XIX.

Os processos classificatórios exigem do bibliotecário grande atenção e coerência, pois podem variar conforme a peculiaridade do acervo e o tipo de usuário. Existe a necessidade de observar o documento, realizando uma rápida leitura técnica sobre ele, que permitirá uma classificação mais adequada ao conteúdo.

Os sistemas de classificação são utilizados para facilitar o acesso do pesquisador ao documento procurado. Essa facilitação acontece mesmo em ambientes eletrônicos, onde a notação própria dos sistemas de classificação pode ser empregado como termo de busca. Há uma grande margem de liberdade para o bibliotecário trabalhar em um acervo físico ou digital, podendo, ele mesmo, desenvolver um sistema próprio, que melhor atenda à necessidade específica do acervo, no que concerne à sua ordenação, e ao usuário, para acessá-lo com maior facilidade.

Reitera-se, entretanto, que o ato de classificar se configura em uma ação inerente ao comportamento humano, não constituindo mérito exclusivo dos profissionais da informação. O homem, em essência, seleciona tudo o que está ao seu redor, com o intuito de melhorar seu entendimento sobre as coisas.

Classificar, nessa concepção, nada mais é que interpretar o mundo. Lentino (1971) defende a idéia de que a classificação é um processo mental, pelo qual as coisas são reunidas de acordo com o grau de semelhança.

O processo classificatório faz parte da história do homem, que categoriza tudo o que está posto, com o intuito de melhor compreender seu meio ambiente e o dos seres com os quais convive.

Classificar, segundo Piedade (1983) é dividir em as coisas em grupos metodicamente distribuídos, conforme suas diferenças e semelhanças. Em outras palavras, classificar significa discernir, colocar em classes, discriminar determinado conteúdo de modo hierárquico. Classificar um documento é representá-lo em conformidade com uma linguagem previamente desenvolvida para tal. É traduzi-lo e adequá-lo ao melhor código, respeitando suas características primárias e o tipo de usuário que o consultará.

“A primeira classificação sistemática das ciências de que temos notícia foi a de Aristóteles” (CHAUÍ, 2003, p. 226), e ao longo de sua história, vários outros modelos foram idealizados e postos em prática: “ordenações diversas foram sugeridas por classes, séries, corpos, tamanhos e cores. Rupturas de vários sistemas fizeram surgir teorias novas de classificações”. (NUNES; TÁLAMO, 2009, p. 35). Melvil Dewey, por sua vez, criou sua classificação decimal. Partindo da Filosofia que, em seu entendimento, foi o primeiro conhecimento do homem ao se questionar sobre a sua origem e razão de existir, até a História, que remonta tudo o que se passou, desde os remotos tempos até os dias atuais.

A CDD é demasiado importante para este trabalho, porque deu ensejo à CDU, desenvolvida pelos humanistas Paul Otlet e Henri La Fontaine, sistema a ser minuciosamente tratado no tópico seguinte.

A CDD e a CDU e as demais classificações apresentadas [...] são, portanto, classificações documentárias (não mais chamadas de bibliográficas), voltadas para o uso em bibliotecas ou para uso bibliográfico, ou seja, para indexação e descrição minuciosa do

conteúdo dos documentos (SOUZA, 2010, p. 16).

A Classificação Decimal Universal foi desenvolvida no início do século XX, tendo sofrido várias alterações no decorrer do tempo, até a forma que se apresenta atualmente. Baseada na CDD, a CDU também utilizou o sistema de casas decimais, dividindo o conhecimento em dez grandes classes.

As classificações CDD e CDU são exemplos de linguagens documentárias alfanuméricas predeterminadas, cujo fito é o de padronizar os assuntos dos documentos de um dado acervo, reunindo fisicamente conteúdos similares, que tratam do mesmo assunto, facilitando sua posterior recuperação por parte dos usuários que realizam consultas ao acervo. Isso faz com que o acervo seja coerente e apresente uma lógica de ordenação.

O pesquisador que busca um determinado assunto em um acervo, ao se dirigir às estantes, terá a oportunidade de visualizar outros documentos, de autores distintos, que também tratam sobre o tema procurado. Isso amplia as possibilidades de busca, aprofundando o resultado final da pesquisa. Os aqui referidos sistemas de classificação, por serem usados em âmbito mundial, facilitam sobremaneira o acesso ao acervo e à própria informação pelo usuário, vez que este pode perceber o padrão utilizado tanto em unidades de informação locais, como estrangeiras.

A CDU, também baseada em sistemas decimais, divide o conhecimento em campos que, por sua vez, podem ser subdivididos conforme a especificidade do assunto. Quanto mais aprofundado o tema, muito provavelmente, maior o número de subdivisões para a sua classificação.

A primeira edição da Classificação Decimal Universal surgiu no início do século XX, mais precisamente em 1904, sofrendo contínuas

revisões até hoje, já que o conhecimento e as descobertas humanas não param de se desmembrar e de crescer constantemente.

Silva e Ganim (1994, p. 4) definem a CDU como sendo “[...] um sistema de conceitos hierarquicamente estruturados em grandes classes, destinado à classificação do conhecimento e dos suportes físicos de seu registro, a que denominamos genericamente documentos [...]”.

Percebe-se que quaisquer conteúdos, em suportes dos mais diversos, podem ser classificados conforme um sistema previamente desenvolvido. Souza (2010, p. 27) informa que “a CDU é uma linguagem de indexação e de recuperação de todo o conhecimento registrado e na qual cada assunto é simbolizado por um código baseado nos números arábicos.”

Embora as classes (Notações Principais) sejam muito similares às da CDD, a grande peculiaridade da CDU é a possibilidade de fazer combinações com símbolos pré-determinados, representando, com maior nível de especificidade, o conteúdo do documento classificado.

Apesar de arbitrária, uma vez que foi desenvolvida pelo homem, a divisão do conhecimento permitiu uma ordenação lógica e racional dos documentos que abordam os mais variados assuntos, facilitando, portanto, sua localização final.

Muito apropriada a acervos de grande monta, a Classificação Decimal Universal, exatamente por dispor de símbolos e números para seu uso, facilita a combinação de assuntos quando da classificação, e restringe minimamente cada tema conforme o documento, evitando classificações desnecessariamente repetitivas.

As classificações documentárias, segundo a CDU, normalmente têm uso destinado a bibliotecas, no que concerne à localização física dos documentos, ou, quando o intuito é

o de indexar e descrever detalhadamente o conteúdo dos documentos, independente de sua ligação com um dado acervo, voltam-se para o uso bibliográfico.

Entretanto, por contemplar todos os ramos do conhecimento, tarefa esta que necessita de constante atualização e, portanto, está em constante expansão, pode ter assuntos adicionados a qualquer tempo, sendo continuamente readaptada a uma nova realidade.

É importante lembrar que, embora predeterminadas, as classificações não estão fechadas, concluídas. Ao contrário, encontram-se em permanente construção, pois nessa condição se acha a pesquisa e o avanço da ciência, criando, por conseguinte, novas terminologias, que podem, em uma nova edição, ser contempladas pelas classificações biblioteconômicas. Confirmam essa ideia Silva e Ganim (1994, p. 7), ao afirmar que “o sistema [de classificação] continua em expansão, apesar dos reveses sofridos nas duas últimas décadas [...]”.

Diante do atestado de que o conhecimento humano está em constante evolução e pensando na importância de abranger a CDU, cogitou-se em introduzir em seu bojo a Cunicultura, que estuda a criação de coelhos e classifica suas raças.

A Classificação Decimal Universal pode, então, ser utilizada como ferramenta para classificar coelhos de raça, independente de o documento pertencer ou não a determinado acervo.

Na CDU, os coelhos *domésticos* – e somente estes – estão classificados sob a numeração 636.92, que sugere que também seja consultada a seguinte classificação:

- 636.112 – Mamíferos de pêlo pequenos. Animais de caça de pequeno porte em geral. Inclusive coelho. Lebre. Castor.

Porém, as classificações abaixo se relacionam a assuntos onde os coelhos também poderiam se encaixar, dependendo do tipo de criação à qual estivessem submetidos.

- 636.035 – Animais criados para abate, para produção de carne ou gordura. Animais de corte. Animais de banha. Produção de carne e gordura.
- 637.62 – Cabelo. Pêlo. Cerdas. Lã.
- 639.11 – Mamíferos como animais de caça.

Na mesma classificação (636.92), a CDU indica a remissiva 639.112, que remete a “Mamíferos de pêlo pequenos. Animais de caça de pequeno porte em geral. Inclusive coelho. Lebre. Castor”. (CDU, 1997, p. 709).

Isso significa dizer que nenhuma das raças do referido animal é considerada perante essa classificação. Em outras palavras, percebe-se que existe um vácuo que pode ser trabalhado. Para tanto, passa-se a um entendimento superficial sobre a localização dos coelhos na classificação biológica para, em seguida, trabalhar as raças propriamente ditas.

Em se tratando de Literatura específica sobre Cunicultura, que é o estudo da criação de coelhos para determinado fim, o Brasil oferece poucas opções. Dentre estas, a criação de coelhos como animais de estimação praticamente inexistente. Sendo assim, optou-se por observar os tipos de criação mais freqüentes no País, para, em seguida, dividir os grupos de animais e propor a classificação adequada a cada um deles.

Assim, como as raças específicas de coelho não são mencionadas na CDU, será proposto, após dividi-las em grupos de acordo com a produção, os subgrupos específicos onde cada raça, conforme sua especificidade, melhor se encaixe.

Os coelhos domésticos, encontrados na classe 636.92, estão hierarquicamente abaixo da numeração 636.9, que indica “Outros animais mantidos pelo homem”.

A classe 63 trata de Agricultura e Ciências e Técnicas afins, de Silvicultura, Agronomia, Zootecnia e Exploração da Vida Selvagem. Já a classe 636 contempla a Zootecnia, Pecuária,

Criação de Gado e Criação de Animais Domésticos.

Seguindo esse raciocínio, a Classificação Decimal Universal – CDU destacou os animais contidos em literatura mais presente e farta e subdividiu seus assuntos conforme suas respectivas especificidades.

Seguindo essa divisão, a CDU destacou alguns animais da forma abaixo descrita:

Classificação	Assunto
636.2	Ruminantes grandes. Gado bovino.
636.3	Pequenos ruminantes. Ovelhas. Cabras.
636.4	Porcos. Suínos.
636.5	Avicultura
636.6	Aves (as domésticas e as de caça) criadas ou mantidas pelo homem.
636.7	Cães.
636.8	Gatos.
636.9	Outros animais mantidos pelo homem.

A CDU considerou os coelhos como “outros animais mantidos pelo homem”, inserindo-os na subclasse **636.92**, sob a denominação de **coelhos domésticos**.

Elucidam Silva e Ganim (1994, p. 13) que:

Seguindo o princípio hierárquico de classificação do geral para o particular, a notação acompanha os diversos níveis de detalhamento dessas classes, através do acréscimo de novo dígito decimal até o detalhe desejado, ou o mais próximo existente no sistema.

A opção pela característica da decimalidade na CDU foi arbitrária, uma vez que se desenvolveu conforme a visão de seus criadores, que entenderam que essa estrutura propiciaria uma divisão simples e objetiva dos ramos do conhecimento.

A classe 4, no entanto, ficou vaga, com o intuito de abranger novas possibilidades, uma vez que a evolução dos saberes é uma constante. Silva e Ganim (1994, p. 11) afirmam que “[...] a classe 4 existe como um subconjunto vazio, dentro do conjunto maior Biblionline, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 63-72, 2011.

das dez classes principais”. O que se percebe é que as classificações oferecem, na verdade, possibilidades de crescimento conforme a ampliação do conhecimento conquistado pelo homem.

A CDU se mostra como uma estrutura que pode ser adaptada pelo bibliotecário, conforme a necessidade do usuário e do acervo onde atua. Assim, é importante ressaltar que, muito embora a publicação ofereça um padrão predeterminado, este nada mais é que uma sugestão de trabalho e não uma norma rígida imposta ao profissional.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada neste trabalho foi qualitativa e o método utilizado foi o descritivo, no que concerne à observação do fenômeno classificatório estudado e em sua posterior descrição, e explicativo, por identificar “[...] os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos;

explica a razão das coisas [...]”. (BASTOS, 2005, p. 43).

Os padrões de raça de coelhos foram o norte da pesquisa, indicando o sentido da proposta de classificação. Em outras palavras, o fenótipo dos animais determinou sua categorização e posterior inserção na CDU.

A American Rabbit Breeders Association – ARBA, por ser a instituição que determina os padrões internacionais das raças de coelho, ofereceu o embasamento necessário à pesquisa, uma vez que ordena e divide referidos animais conforme suas peculiaridades físicas. De posse dessas informações, foi possível apresentar a proposta de classificação para os coelhos de raça na CDU.

4 MODELO DA PROPOSTA DE EXPANSÃO

Observando os animais dispostos na CDU, mais precisamente aqueles que o homem cria por estima, os chamados *animais de estimação*, percebeu-se a ausência dos coelhos na reconhecida classificação. Ou melhor, observou-se que os coelhos *de raça* não estão relacionados na CDU, deixando, portanto, uma brecha para classificar os documentos que abordem esse tema.

Considerando que o conhecimento humano está em constante evolução e pensando na importância de abranger a CDU, cogitou-se em inserir em seu corpo mais uma subdivisão, com classes e subclasses concernentes às principais raças de coelho, propondo, assim, uma classificação própria para ser utilizada em documentos que abordem o tema.

Os coelhos estão restritos à classe 636.9, que trata de “Outros animais mantidos pelo homem”, mais precisamente à classificação 636.92, na condição de “Coelhos domésticos”, embora haja outra alternativa, a de “Mamíferos de pelos pequenos”, representada pela notação 639.112.

Vieira (2007) apresenta três tipos de produção de coelhos, cada uma delas possui um propósito específico. São elas: produção caseira, comercial e industrial.

Diante dessa deficiência classificatória na área da Cunicultura, e considerando toda uma variedade de padrões de coelhos de raça, indaga-se: como surgiram as raças de coelhos atualmente reconhecidas e, já que não só são reconhecidas, mas também desenvolvidas por criadores, por que não foram, ainda, contempladas por uma classificação consagrada como a CDU?

A proposta é que a classificação dos coelhos seja disposta da seguinte maneira:

636.92 Coelhos de raça

636.921 Castor Rex (ou Rex de cor)

636.921.1 Castor Rex escuro

636.921.2 Castor lebre

636.921.3 Chincila Rex

636.921.4 Havana Rex

636.921.5 Nutria Rex escuro

636.921.6 Nutria Rex prateado

636.921.7 Negro Rex

636.921.8 Russo Rex

636.921.9 Arminho Rex

636.921.10 Castor Rex azul

636.922 Coelhos difusos

636.922.1 Chinchila

636.923 Coelhos negros (uniformes ou mesclados)

636.923.1 Alasca

636.923.2 Azul e Fogo

636.923.3 Gigante-de-Flandres-Negro

636.923.4 Holandês

636.923.5 Negro e Fogo

636.924 Coelhos prateados

636.924.1 Prateado azul

636.924.2 Prateado de Champanha

636.924.3 Prateado inglês

636.924.4 Prateado de Santo Humberto

636.925 Coelhos avermelhados

636.925.1 Fulvo de Borgonha ou Leonado de Borgonha

636.925.2 Gigante espanhol

636.925.3 Havana

636.925.4 Nova Zelândia vermelho

636.926 Coelhos brancos (com ou sem manchas)

636.926.1 Angorá

636.926.2 Borboleta

636.926.3 Branco comum

636.926.4 Branco de Vendaia

636.926.5 Californiano

636.926.6 Himalaia

636.926.7 Gigante de Bouscat

636.926.8 Gigante espanhol

636.926.9 Gigante de Flandres branco

636.926.10 Neozelandês

636.926.11 Nova Zelândia branco

636.926.12 Polaco ou Arminho

636.926.13 Russo

636.927 Coelhos azuis

636.927.1 Azul de Beveren

636.927.2 Azul de Viena

636.928 Coelhos cinza

636.928.1 Cinzento pérola de Hal

636.928.2 Fée de Marbourg

636.928.3 Gigante de Flandres cinza

636.929 Coelhos sem raça definida

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência e o conhecimento são instituições que nunca param de se desenvolver, pois refletem o afã de auto-superação inerente ao homem, que, como dito anteriormente, tem sede inesgotável de novas descobertas.

Descobrem-se novas fontes de conhecimento, que, por sua vez, criam outros, mais especializados ou inéditos. A Biblioteconomia, por ser interdisciplinar deve contemplar, sempre que possível, em seus processamentos documentários, todos os assuntos até então existentes. Dessa forma, por que não criar novas classificações para temas ainda não contemplados, quando existem para o mundo da ciência?

Esses são os argumentos que fundamentam este trabalho. Os coelhos de raça não estão discriminados na CDU que, no entanto, privilegia outros animais, tais como os cães e o gado de raça. Assim, considera-se importante a proposta de criação dessa classificação, conforme descrita no decorrer da monografia.

Embora a literatura brasileira especializada sobre cunicultura, bem como sobre a criação de coelhos de estimação, seja escassa no País, não há impedimento nem limites para que se possa propor uma nova classificação para este assunto, por entender que a Classificação Decimal Universal pode ser expandida sempre que necessário.

Uma vez existente a nova classificação, poderá ser utilizada por quem de interesse for, em novas bibliografias que por ventura sejam inseridas nessa área.

Tinha este trabalho o propósito de não ser apenas mais um na estante da biblioteca da Universidade, mas, sobretudo, de transformar-se em uma possibilidade, de configurar-se em uma ferramenta útil para o trabalho de um bibliotecário mais especializado.

Assim, da mesma forma que esta classificação foi proposta, outras tantas, tocando novos assuntos ou verificando particularidades de um tema já existente, podem vir a surgir. Para tanto, abre-se esta porta, com a esperança de que não seja cerrada, uma vez que, em se tratando

de conhecimento, nada se fecha; apenas novas perspectivas orientam uma nova ida.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003..

CLASSIFICAÇÃO Decimal Universal. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1997.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO; IBICT. **Extensões e correções da Classificação Decimal Universal**. Brasília: IBICT, 1992.

GIGANTE, Maristela Cid. Os sistemas de classificação bibliográfica como interface biblioteca/usuário. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/download/436/394>>. Acesso em: 03 set. 2011.

LENTINO, Noêmia. **Guia teórico, prático e comparado dos principais sistemas de classificação bibliográfica**. São Paulo: Polígono, 1971.

MENEZES, Estera Muszkat; CAMPOS, Liene. **Classificação Decimal Universal-CDU: instruções e exercícios**. Florianópolis: UFSC, 1987.

NUNES, Leiva; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Da filosofia da classificação à classificação bibliográfica. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.7, n. 1, p. 30-48, jul./dez. 2009.

PIEADADE, Maria Antonieta Requião. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

SILVA, Odilon Pereira da; GANIM, Fátima. **Manual da CDU**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1994.

SILVA, Odilon Pereira da; IBICT. **Classificação Decimal Universal**: CDU. 2. ed. padrão internacional em língua portuguesa. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2007. 2 v.

SOUZA, Sebastião de. **CDU: como entender e utilizar a 2ª edição-padrão internacional em língua portuguesa**. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2010.

VIEIRA, Márcio Infante. **Mercado e comercialização de coelhos: bons lucros**. 2007. Disponível em: <<http://www.zootecniabrasil.com.br/sistema/modules/smartsection/item.php?itemid=19>>. Acesso em: 02 set. 2011.

Dados de autoria

*Professor do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: hamilton.rt@ufc.br

**Graduada em Biblioteconomia, Universidade Federal do Ceará, Campus Fortaleza. E-mail: cynthia_chaves@yahoo.com.br

Artigo elaborado a partir da monografia de conclusão do Curso de Biblioteconomia de um dos autores em dezembro de 2010.

Artigo enviado em março de 2011 e aceito em outubro de 2011.